



CIÊNCIA E LÍNGUA: UM NÃO AO LUGAR DE MARGEM

Antonio Genário Pinheiro dos Santosⁱ
Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN/FELCS

Fazer ciência e persistir na tarefa hercúlea de produzir e disseminar conhecimento, a partir das condições sociais vivenciadas nos últimos tempos, tem se tornado cada vez mais desafiador e ímprobo. A universidade, na amplitude que reclama seu conceito distintivo de *universal* e de inclusivo, resiste às manobras e peripécias que buscam amenizar sua importância e que tentam provocar-lhe uma nódoa de obscuridade e invalidez.

São os saberes científicos e os esforços sempre renovados de seus agentes que garantem a atividade do homem, da vida, e que reforçam que estamos, todos nós, na carência sem fim de mais investigações e de mais estudos que venham suprir nossas dúvidas, apresentar as soluções que almejamos, afastar o aspecto labiríntico de nossa existência. As ciências da linguagem estão nessa ordem de intervenção, mostrando-se cada vez mais necessárias e críveis. Refletir sobre a língua, considerando suas múltiplas nuances e seus múltiplos vieses, possibilita entendermos a essencialidade da ciência no que diz respeito, em especial, às muitas questões que estão atreladas e que caracterizam as nossas relações com o *outro*, com o mundo que está à nossa volta.

Todas as nossas relações, o nosso câmbio diário de informações, de trocas, de resistência e de diálogo que realizamos na nossa vida cotidiana são intrinsecamente marcadas e determinadas pela língua, pela linguagem, pelos sentidos que lemos e que intencionamos produzir. No escopo do ensino de língua, é importante considerar a multiplicidade de abordagens, de objetos, de atitudes, de crenças e valores que estão, então, imbricados no processo. Somos todos seres de linguagem, cercados e agenciados pelo

alcance da língua, envoltos num processo complexo de leitura de nós mesmos e dos outros.

Nesse sentido, torna-se imperativo que a universidade não só mobilize ou seja apenas o nascedouro de contínuas propostas de estudo e discussão, mas também que ela garanta a chegada do conhecimento, o qual oportuniza, à população, à sociedade. Com esse investimento, a universidade resiste, permitindo que, nesse fluxo, nós nos tornemos sujeitos críticos, militantes, socialmente engajados e empaticamente envolvidos. Na égide de tal trabalho, podemos duelar e afastar, por exemplo, as proposições mais ridículas e estrambólicas que temos enfrentado no início desse novo milênio: a força de um negacionismo hipócrita, a cegueira do terraplanismo, a idiotia erudita do movimento antivacina, as atrocidades continuadas da necropolítica, a propagação das *fake news*, a subversão do obscurantismo político, a pirotecnia ideológica de sujeitos e grupos tanto avessos quanto hostis.

Não esqueçamos que são os saberes instrumentos de robusta eficiência no agenciamento, na decisão e na imputação de nossa forma de ser. Eles dirigem e determinam o que e como somos nós. Não esqueçamos também que o poder, ou, na pluralidade de suas formas, ‘os poderes’, tem miras determinadas, ele é capilar, movediço e atroz.

É nessa dimensão que a produtividade científica tem reforçado seu lugar de imprescindibilidade. É preciso persistir. As ferramentas de luta são muitas, o fomento à produção e disseminação de conhecimento científico é uma delas. O pensar a relação língua, sujeito e discurso é uma estratégia. A Revista Saridh está nesse caminho.

¹ Professor Adjunto III da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN/FELCS).
Doutor em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB).
E-mail: profgufrn@gmail.com
Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/9756306898141968>
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2261-9221>